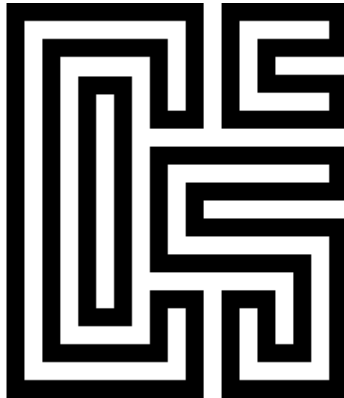
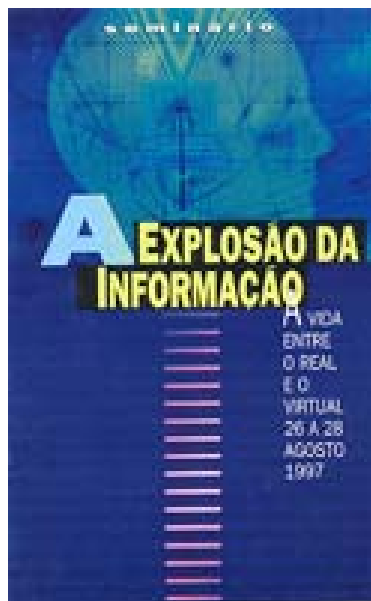


CISC



CENTRO INTERDISCIPLINAR DE SEMIÓTICA DA CULTURA E DA MÍDIA



A Economia dos Sinais e a Economia Política

Harry Pross¹

1. O organismo humano trabalha vagorosamente para prolongar o metabolismo e o tempo de vida. Seus órgãos de percepção captam ondas eletromagnéticas por meio de células cutâneas, inclusive da retina, vibrações mecânicas por meio do ouvido ou, quando amplificadas, através da pele, substâncias químicas aquosas ou gasosas por meio das células gustativas ou olfativas. A demasia ou a escassez são sentidas em forma de dor ou privação. Qualquer excesso desordena e economiza os sinais porque os sentidos não conseguem processá-los. Basta uma bofetada para deixar a pessoa atônita, luz em demasia ofusca, odores muito fortes viram o estômago, um silêncio demasiadamente grande angustia, o excessivamente amargo ou doce são rejeitados e cuspidos. É considerada “normal” a economia dos sinais diante da qual o sujeito “móvel” se renova constantemente dentro de seu “ambiente de formas” (V. von Weizäcker).
2. A construção de recursos técnicos para superar as restrições da percepção elementar pode ser interpretada como o motor da sociologia cultural, uma vez que os donos desses recursos podem colonizar o tempo de vida dos outros. A começar pelo tambor da selva e os sinais de fumaça até a radiodifusão e a Internet, os donos dos meios de comunicação conseguem alcançar simultaneamente mais pessoas num espaço maior e em menos tempo do que lhe seria possível de outra maneira em toda a sua vida. O trabalho fisiológico de percepção de muitos acumula-se em forma de lucro de poucos operadores da mídia. Esse processo, com sua repetição periódica, produz efeitos econômicos (reciclagem...) tanto no ritual elementar quanto na programação eletrônica.

3. A interligação da economia de sinais orgânica com a rede técnica através dos meios de comunicação, faz das indústrias envolvidas acumuladores de trabalho de percepção não remunerado em relação direta do tempo com o lucro da mercadoria que, por sua vez, deverá ser pago, embutido no preço da mercadoria, pelo indivíduo que o produz sentado diante do aparelho receptor. O usuário do aparelho receptor técnico é doador econômico-político enquanto o dono da emissora se apropria de tempo de vida dos receptores humanos.

4. A atual euforia diante das novas tecnologias eletrônicas leva para além das crises cíclicas dos excessos de produção, típicas do capitalismo, que se manifestam no colonialismo, no imperialismo e em duas guerras mundiais, já que a economia dos sinais, graças à sua polaridade no organismo humano e nas indústrias eletrônicas em sentido mais amplo, poderá alcançar em breve seis bilhões de pessoas. A tecnologia dos satélites e os receptores a energia solar deverão superar os muros da China e abrir caminhos na selva. Isso significa que vão chupar o tempo de vida para comercializá-lo.

5. Em regiões com tecnologia de sinais mais avançada é previsível que os poderes do Estado não terão condições de resistir à economia dos sinais, uma vez que esta já se terá transformado em motor de sua economia política. A redução dos custos de salários e de investimentos dos empresários em detrimento do trabalho computadorizado, que melhora os controles e economiza tempo, aumenta a pressão da concorrência no mercado de trabalho. Na indústria eletrônica de entretenimento, a superoferta deverá levar a falências econômicas num processo de concentração, já que este, como “indústria de suspense” (Hermann Broch), tem de respeitar os “limites da dor” subjetivos que, diferindo de uma cultura para a outra, precisam ser sincronizados entre si.

Cf. H. Pross, *Der Mensch im Mediennetz – Orientierung in der Vielfalt* (O homem na Rede de Comunicação-Orientação dentro da Multiplicidade). Dusseldorf, Artemis & Winkler, 1996.

Bibliografia em: *Publizistik. Vierteljahreshefte für Kommunikationsforschung*. Opladen, Westdeutscher Verlag, 1997.



Harry Pross, nascido em 1923, é doutor em Ciências Sociais, foi redator-chefe do jornal "Deutsche Rundschau" no período 1955-60, professor em Ulm Hochschule für Gestaltung, 1960-63; redator-chefe da Radio Bremen, 1963-68 e professor de jornalismo na Universidade Livre de Berlim, 1968-83. Membro do PEN-Zentrum, hoje vive como jornalista em Weiler no Allgäu. É autor de vários livros de teoria da mídia, como "Der Mensch im Mediennetz-Orientierung in der Vielfalt".

[\(Texto de apresentação do Seminário "A Explosão da Informação", ocorrido de 26 a 28 de agosto de 1997, no auditório Sesc Paulista\)](#)